

Respostas à Entrevista

1. Creio que todos estávamos estupidamente embalados com os acordos conseguidos em Nova Iorque, talvez mesmo perigosamente embalados.

Cabará a Portugal decidir se deve ou não continuar a desenvolver essa ideia mostruosa em que se tornou o assunto. De uma eternamente hipotética possibilidade, desde o seu início ao fim, creio que deve ser já oportunidade para deixar de ser uma hipoteticamente eterna "suspensão da visita".

Quanto ao quinhão que normalmente é exigido de nós, pertence-me dizer que somos apenas a parte complementar deste processo. Assin as condições satisfatórias seriam, em 1o. plano, as que Portugal pudesse efectivamente reunir para objectivar a "visita". Não sendo assim, tudo o mais que se pretendesse alinhar aqui, no território, não terá força de convencimento.

Na rude fogueira, aparentemente apagada e esporadicamente ateadada por singelos discursos sobre a violação dos Direitos Humanos, em que se apresenta, entre a comunidade internacional, a pequenina e trémula mas persistente chama da Resistência Maubere, o cepticismo aconselha-nos a medir bem as nossas ideias, a rever as nossas esperanças, para evitar induzirmo-nos em falsas promessas e desdobarmos em perigosas ilusões, com estribilhos para consumo psicológico.

Quando um Secretario Geral das Nações Unidas, no ultimo periodo do seu 2o. mandato, confirma a lisura politica do mais alto foro Internacional, condicionada e sub-servivente aos interesses dos poderosos, colocando os sawaris aos desmandos de Morrocos,

Quando os EUA se esquecem das promessas feitas às forças oposicionistas de Saddam Husein para se preocuparem desmedidamente com a execução de um cidadão cubano (acusado alias de introdução ilegal de armas), enquanto minimizam o MASSACRE DE SANTA CRUZ, levada a efeito pela ABRI à população indefesa,

Quando a CEE continua tão incoerente com as suas resoluções sobre Timor Leste pelo aumento das transacções comerciais com a Indonesia,

Quando outros governos, nomeadamente de Japão, Austrália, Canada, se contentam com o simples aumento de 19 para 50 do número de Vitimas Mortais de Santa Cruz, como se o fulcro da questão fosse provar-se quantos morreram e não que foram assassinados,

Quando tudo isto acontece para que Jacarta continue seguríssima na sua politica genocida e recuse sistematicamente a entrada de missões de investigação internacionais e independentes, julgo que compreende que não nos iludiremos mais com delegações internacionais, após o sensacional fracasso da DPP.

Não culpo nem a DPP nem Portugal que tudo fizeram quanto ao seu alcance estava e honra lhes seja devida! Culpo-me é a mim mesmo por me ter inebriado com perspectivas demasiado fáceis, por

me ter apartado um bocado do bom-senso, por ter desprezado os conselhos da "realpolitik" e ter-me enveredado a buscar caminhos milagrosos mas não menos sangrentos.

E a "real politik" colocò-me as questões assim:

a. nenhuma delegação internacional, qualquer que seja ela, isto é, de que nível vier a ser, terá a mínima possibilidade de romper o " block house " indonesio imposto a Timor Leste, enquanto todos estão fascinados com as danças de borboleta do folclore de Bali;

b. qualquer delegação, de que nível se trate e com muito maior razão se for da incumbência das Nações Unidas, terá que ter já assente uma estratégia global a cumprir, negando-se assim mesmo a ser uma simples peça de um complicado xadrez, no qual o Kasparov é o Ali Alatas, que aposta todo o peso da pertamina, sob os olhares dos espectadores americanos, europeus e japoneses.

Só assim sendo, é que podemos acreditar que qualquer " visita ", a efectuar-se, marcara o início de uma nova fase no tratamento da questão. Sem uma linha de pensamento definida, não se conseguirá mobilizar todas as capacidades (desde que existam) de intervenção e muito menos, se estará capaz de fazer previsões da situação, com vista a adoptar-se medidas adequadas para responder às bruscas mutações que se oferecerem.

c. qualquer delegação, por mais internacional que seja, se não se munir antecipadamente de uma ideia/prática, pre-estabelecida, não ultrapassará os umbrais da retórica de princípios, fáceis de se pronunciar, com maior ou menor ardor, com resabios mais ou menos pungentes para eternecer corações.

E o bom-senso permite-me também pensar que nunca é demasiado tarde para rever as ideias, medir as perspectivas que outros oferecem e da própria Luta, estudar novos planos de acção, etc,etc.

Ideias sobre tudo quanto o sacrificado Povo Maubere tem vindo a realizar, seus reflexos, seus ganhos e suas perdas, seu valor ou inutilidade, para a Luta e para os demais.

Perspectivas que, até agora, foram marcadas apenas com a coragem do nosso Povo, assinaladas apenas pelo rasto de sangue que é o próprio caminho da Resistência, porque nunca vislumbramos perspectivas outras providas de outros.

Planos de acção para ir cumprindo a nossa estratégia. Digo nossa (a de Libertação), digo ainda nossa (nos caminhos a percorrer) porque, sem ser as estratégias da nossa estratégia, quem mais poderá produzir ideias/planos que definam um objectivo com seus objectivos de acção?

Há 16 anos, está mais do que provada esta FELIZ REALIDADE DA LUTA, da qual nos orgulhamos!, de nos termos batido com legítimo orgulho!

Havia, no periodo colonial português, a empresa SAPT,Lda da qual se contava que Celestino da Silva, ao procurar convencer os timorenses, disse assim: "vamos formar uma Sociedade, virada para a Agricultura, portanto, uma Sociedade Agricola. Eu representarei a Pátria e comigo estarão as leis, os regulamentos, as licenças, e os impostos. A vós vos entrego o Trabalho...E será uma empresa de responsabilidade Limitada, para não excedermos nos nossos compromissos!" A ser verdade, foi sem dúvida, a profecia exacta do destino de um Povo!

conselhos da "realpolitik" e ter-me enveredado a buscar caminhos milagrosos mas não menos sangrentos.

E a "real politik" colocō-me as questões assim:

a. nenhuma delegação internacional, qualquer que seja ela, isto é, de que nível vier a ser, terá a mínima possibilidade de romper o " block house " indonesio imposto a Timor Leste, enquanto todos estão fascinados com as danças de borboleta de folclore de Bali;

b. qualquer delegação, de que nível se trate e com muito maior razão se for da incumbência das Nações Unidas, terá que ter já assente uma estratégia global a cumprir, negando-se assim mesmo a ser uma simples peça de um complicado xadrez, no qual o Kasparov é o Ali Alatas, que aposta todo o peso da pertamina, sob os olhares dos espectadores americanos, europeus e japoneses.

Só assim sendo, é que podemos acreditar que qualquer " visita ", a efectuar-se, marcará o início de uma nova fase no tratamento da questão. Sem uma linha de pensamento definida, não se conseguirá mobilizar todas as capacidades (desde que existam) de intervenção e muito menos, se estará capaz de fazer previsões da situação, com vista a adoptar-se medidas adequadas para responder às bruscas mutações que se oferecerem.

c. qualquer delegação, por mais internacional que seja, se não se munir antecipadamente de uma ideia/prática, pre-estabelecida, não ultrapassará os umbrais da retórica de princípios, fáceis de se pronunciar, com maior ou menor ardor, com resabios mais ou menos pungentes para eternecer corações.

E o bom-senso permite-me também pensar que nunca é demasiado tarde para revér as ideias, medir as perspectivas que outros oferecem e da propria Luta, estudar novos planos de acção, etc,etc.

Ideias sobre tudo quanto o sacrificado Povo Maubere tem vindo a realizar, seus reflexos, seus ganhos e suas perdas, seu valor ou inutilidade, para a Luta e para os demais.

Perspectivas que, até agora, foram marcadas apenas com a coragem do nosso Povo, assinaladas apenas pelo rasto de sangue que é o próprio caminho da Resistência, porque nunca vislumbrámos perspectivas outras providas de outros.

Planos de acção para ir cumprindo a nossa estratégia. Digo nossa (a de Libertação), digo ainda nossa (nos caminhos a percorrer) porque, sem ser as estratégias da nossa estratégia, quem mais poderá produzir ideias/planos que definam um objectivo com seus objectivos de acção?

Há 16 anos, está mais do que provada esta FELIZ REALIDADE DA LUTA, da qual nos orgulhamos! de nos termos batido com legítimo orgulho!

Havia, no período colonial português, a empresa SAPT,Lda da qual se contava que Celestino da Silva, ao procurar convencer os timorenses, disse assim: "vamos formar uma Sociedade, virada para a Agricultura, portanto, uma Sociedade Agrícola. Eu representarei a Pátria e comigo estarão as leis, os regulamentos, as licenças, e os impostos. A vós vos entrego o Trabalho...E será uma empresa de responsabilidade Limitada, para não excedermos nos nossos compromissos!" A ser verdade, foi sem dúvida, a profecia exacta do destino de um Povo!

Há 16 anos que o trabalho nos pertence exclusivamente, há 16

anos, esmagados pelo peso dos nossos esforços, ébrios do nosso próprio sangue, numa dança de Morte que se tornou o símbolo da Luta!

E o bom-senso recomenda a "real politik". O problema é que permanecemos, na esktratégia e/ou estratégias, invariavelmente sós! E somos fracos e somos pobres e somos indefesos...e se já não representamos nada para alguns pequenos interesses, quanto mais para os grandes. Apenas, discursos e discursos têm vindo a soprar alguma brisa inoportuna ao escaldante território. Não modificam, incomodam precisamente a quem não quer ouvir e continuamos todos esperando mais vítimas para gritarmos para aí que nos continuam matando. Faz imaginar a intifada nos territórios ocupados: o número de mortos terá, de certeza (como o mundo é insensível!) originado um bom "hobby" aos ociosos- o gráfico que sobe e desce denunciando a falta de pontaria dos soldados israelenses!

E a "real politik" aconselha o bom-senso. Mas o problema permanece assim mesmo: desoladoramente sós, no esboço de estratégia/s. E pior que tudo, parece que todos esperam apenas pela nossa estratégia. Mais nos afundamos na poça de sangue, esbracejando inutilmente...para a estratégia (de outros, de tantos, de todos afinal das contas) da "causa perdida".

Terrivelmente sós, até na "causa perdida"!!!, veja só!

E ainda o Carrascalão conseguiu, em parte, convencer o mundo da irreversibilidade da anexação, tornando inviável a vinda de qualquer "delegação internacional" que não seja escolhida por Tri Sutrisno; se até o próprio D. Ximenes Belo lança angustiantes apelos para ninguém vir ver o sangue Maubere, pois os assassinos ocupantes só matam quando a DPP vem, nada mais há do que encerrar este amargo capítulo de "visitas".

2. Por princípio, acho que sim. Dada ainda a particularidade do caso de Timor Leste ter sido entregue às mãos do Sec-Geral da ONU, para proceder a consultas às partes interessadas.

Creio que foi a resolução 37/30 que fez prevalecer definitivamente o papel de Portugal neste conflito, aprofundando assim o conceito dualista do problema: potência administrante e potência ocupante, interpretação que desqualificou o território em causa, assim como a sua população, colocando como o verdadeiro cerne da questão a ruptura das relações diplomáticas entre Jacarta e Lisboa.

Digo que foi a resolução 37/30, porque a indefinição das partes interessadas, permitiu a interpretação mais conveniente por parte do Perez de Cuellar e do seu adjunto que, não poucas vezes, mencionavam o conflito como "litígio entre Lisboa e Jacarta".

E nada mais fácil do que solucionar conflitos desta natureza: um acordo com tratados de amizade com um consulado em Dili para ouvir rezar em Português, de cooperação para trocar sardinhas enlatadas com barris de petróleo e culturais, pela conservação dos nomes de bispos e de governadores nas ruas de Dili, num desfecho tão pacífico e tão proveitoso para todos os outros como "solução (naturalmente) aceitável pela comunidade Internacional".

Os acontecimentos do dia 12 de Novembro revelam, com maior

nitidez, facetas que percebidas, estavam ficando despercebidas até então :

a. Perez de Cuellar estava, ao fim e ao cabo, sempre desinteressado do problema e agia consoante as circunstâncias aconselhavam esta ou aquela tônica de linguagem;

b. Portugal se não estava preparado, suportou bem a surpresa dos acontecimentos. A estratégia do "degrau em degrau" funcionou admiravelmente e cremos que irá provocar passos mais bem medidos;

c. A Comunidade Internacional, impecável nos seus padrões dos Direitos Humanos. Na escala de valores em que está inscrito Timor-Leste, o sangue e o cadaver maubere só deram para enternecer o povo português, comover parlamentos porque dali nunca sairá nada de decisório, atrapalhar momentaneamente governos e sensibilizar os homens de boa-vontade que mais não dispõem do que o seu espírito inexcedível de luta e a sua entrega abnegada e solidária.

d. Jacarta, mais uma vez, poderosamente convincente nos seus argumentos e na sua razão. Até porque os princípios universais são os próprios princípios do MNA, com o Soeharto agora no topo, os direitos humanos são a doutrina da Pancasila, a justiça está na ABRI e o mundo com a Pertamina.

Ali Alatas só não é Sec-Geral da ONU, porque a África está morrendo de fome.

Com facetas tão complexas, num caso já por si difícil e delicado (como sempre são as "causas" condenadas como "perdidas"), não sei se o Novo mandatário da ONU, avançará alguma nova ideia ou se se remeterá a seguir as pegadas do seu antecessor que, do início ao fim, foi apenas um exemplar alto-funcionário da Casa Branca.

Com isto tudo considerado e dado que você entendeu que as imagens de um massacre produzirem "mais" do que 4 anos de negociações na ONU, da minha parte estou apenas capaz de dizer que, havendo outras alternativas, só Portugal pode pronunciar-se. Já se verificaram tantos casos e, felizmente, resolvidos ou em vias de solução, através da mediação de terceiros e, por sinal, tais sucessos sugerem que outras opções podem ser válidas. Não sendo "a ONU o melhor lugar para negociar", por óbvias razões, não se descartará, claro está, o papel que sempre coube e cabe a ONU de supervisão, de observação e mesmo de arbitragem.

Já Ramos Horta sugeriu, tempos atrás, mediação de personalidades independentes como o ex-Presidente dos EUA, Jimmy Carter. Eu, porém, não estou em mínimas condições para adiantar nada, pois penso que só Portugal, pode ou não abrir mão a outras formas de diálogo. A manutenção do "Status quo" negocial adverte sobre o grau de interesse existente sobre o caso. A não redefinição das partes interessadas com inclusão do Povo de Timor-Leste não modificará o actual estado das negociações que aliás, tem estado dirigidas para a desditosa "visita da DPP".

Pretendem alguns que eu define uma estratégia para o futuro, a partir do 12 de Novembro. Se Portugal, com todos os epítetos de responsabilidade que chamou para si, e que tem assento na ONU, no PE, na CEE, no Conselho da Europa, etc,etc., não conseguiu fazer vingar estratégia alguma, como poderei eu, das montanhas de Timor-Leste, constantemente acossadas pelos ocupantes, adiantar uma estratégia, um pensamento, minimamente ordenado que seja,

uma estratégia, um pensamento, minimamente ordenado que seja, nesse sentido?

Portugal achou por bem que ainda não é tempo para se mencionar os timorenses como(também) a parte interessada na solução do conflito e daí também se explica que as nossas insistências sobre a necessidade de uma correcta interpretação do espirito e da letra da resolução 37/30 não alteraram a interpretação dada pelo Sr. Ahmed, adjunto de Perez de Cuellar.

Todavia, creio que não existe relação de correspondência entre o carácter fornecido às negociações decorridas em Nova Iorque com os acontecimentos do 12 de Novembro. Vejamos que, segundo o que me foi permitido saber, as tais negociações centravam-se nos propósitos de uma "visita" a convite indonésio, numa fase que procedeu a uma primeira sobre o repatriamento de funcionários ("portugueses") e a reunificação de familiares. Só, apenas, simplesmente, exclusivamente-este é o fundo da complicada delicadeza da questão!!!

Creio ainda que os acontecimentos do dia 12 de Novembro não devem ser medidos, sob o mesmo escalonamento de valores, comparativamente com um processo negocial.

Santa Cruz agitou a opinião pública internacional, não hajam dúvidas, resaltou repentinamente um problema votado ao esquecimento, importunou governos de todos os quadrantes! Uma faísca e um trovão, que inquietou espíritos porque foi intensa e que assustou algumas mentes porque foi ruidoso! Mas o barulho perdeu-se na imensidão e a língua de fogo pode ser lembrada como um ponto de referência mais recente, estarrecedor porque pode ser repassada, "ao vivo", a memória dos mortos!

Diferentes caracteres, diferentes reflexos. Se o processo negocial obedece a um plano mais amplo de concretização de acções, Santa Cruz teria empurrado para um degrau superior, em largas passadas!

Hoje 2 meses depois do dia 12 de Novembro, o marcar passo é o batimento da marcha ... pela libertação! E não podemos oferecer todos os meses uma nova Santa Cruz, os riscos são enormíssimos, o preço demasiado alto para resultados tão insignificantes, para além da sensibilização... Depois da tempestade vem a bonança! Já a igreja de Timor Leste vem erguendo cruzeiros em todo o lado e são santas, porque foram benzidas e porque em todo o lado é cemitério, e local de massacres, (há bem 16 anos), os que até sabiam mais portugueses do que os jovens assassinados em Santa Cruz.

Só a disposição para solucionar pode dar relevância a factos, cujas imagens e sons, afortunadamente, foram recolhidos por "free lancers"! "Free lancers" numa luta de um Povo pequeno e indefeso - uma importância que se impõe por si. "Free lancers" estrangeiros, expondo-se a perder a vida para desintrincar os segredos da resistência, como contributo a um ideal de Paz, de Justiça e de Liberdade, o mesmíssimo ideal pelo qual derramamos o nosso sangue e pelo qual damos continuamente as nossas vidas! Rendo aqui a nossa homenagem a estes jornalistas!

Eu colocaria assim o problema, amigo! Se a imagem televisada de um "magro" massacre fez falar tanto de Timor, calcule você a presença da DPP! Ainda mais, com o amplo, sabido e regularmente lembrado CONSENSO NACIONAL! Não seja prosa para consumo exclusivamente nacional, haveria, temos a certeza, um

mais alargado e profundo consenso na comunidade internacional! Em qualquer coisa, sempre haverá quem não esteja preparado para assumir parte da desgraça dos outros, mas não vale a pena passarmos a memória pelas amarguras do destino! Uma OLP, um Polissário, não estão em melhores lençóis, apesar de tudo! Se o destino destina, o nosso destino será eternamente hipotético, com Portugal a celebrar os descobrimentos!

E as causas não residem aqui, em Timor-leste! Já antes da invasão de 7 de Dezembro de 1975, a nossa dependência era extrema, lamentavelmente extrema e o brigadeiro Lemos Pires bem o descreveu no seu livro.

Aqui, só nos falta somente aceitar a integração, apenas isto!

E estou convencido de que muita gente espera isto mesmo, para suspirar de alívio e para me dizer que sou genial, com todos os atributos do pragmatismo e acessórios realistas. Haverá, para iludir as consciências, vozes que se levantarão mas que se sumirão muito mais depressa do que toda a retórica tecida em volta dos muros ensanguentados de Santa Cruz! Quando me lerem nesta passagem, regozijarão intimamente enquanto redigirão notas de abafados protestos, tão ambíguos como sempre foram, como que dizendo: nada, nada se perdeu e todos ficamos muito mais tranquilos! "Política porca, política suja, política cinica" dizia-me o Carrascalão em 1983 e, 9 anos depois, a razão continua com ele!

Um processo negocial, dirigido por uma linha de acção convicta e firme, eliminará a necessidade de mais sangue em Timor-Leste! Veremos e continuaremos a verter sangue, porque não existe o traçado de um caminho por onde todos possamos fazer conectar as nossas necessidades de acção. Dezasseis anos de resistência, na qual empenhámos tudo quanto estava ao nosso alcance! Não bastam? Sabemos que não bastaram. Apresentámos perspectivas, formulámos viabilidades, buscámos caminhos, renovámos sugestões, maximalistas umas, exequíveis outras, todas porém sem força de promover mudanças. A nossa eficácia é a nossa própria fraqueza, provém dela, nela se embrenha para dela se alimentar criando força...apenas para compensar energias perdidas, no dia-a-dia da Luta, com reflexos no campo político-diplomático, fugazes, passageiras!

Continuamos excessivamente pobres, sacudindo a exaustão da marcha na miragem do nosso petróleo libertado! De dentro de nós mesmos, só temos suor para dar.

Hoje, há que imprimir acções de fora e não de dentro. Propriamente, exclusivamente de dentro, já produziram consensos, validando argumentos cosesuais- este foi o resultado que se conseguiu, através de dentro. Mas não é o objectivo último, pois o consenso não liberta, o consenso apenas activa. E estamos à espera dessa activação, de fora para dentro, com ou para correspondência de dentro, por parte de dentro.

Dos nossos apelos, das nossas proposições ou intenções, há que aproveitar-se um ou outra ou então que se diga que devamos partir da opção zero.

Sejam quais forem as perspectivas, adormecidas nos velhos dossiers, seja qual for uma outra perspectiva que tiver surgido de relance, como resposta dos acontecimentos do dia 12, é premente que venha de fora, porque é tempo de actuação de fora.

Esta é a dialéctica da correspondência do interno/externo, da

acção/reacção/acção. A supremacia ou a importância de um factor obedece a etapas concretas, a reciprocidade de movimento de ambos respode a fases necessárias, promovendo a alteração ou alternacão nos papéis, numa redifinacão das dependências entre estes factores.

Isto acontece, isto é assumido quando se verifica real interesse, quando é segura a convicção e quando é firme a decisào. E isto, só não acontece porque não se medem os verdadeiros sofrimentos do nosso Povo.

Para muitos, julgo que a idealizacão que se obteve acerca da Resistência Maubere se compara facilmente com a definicão da inferno. Antes, foi necessário atemorizar os primitivos cristãos com a descriçào do fogo eterno, com o Satanás enchifrado, de rabinho vermelhinho e malandro e dentes de vanpiro, gerando, por isso, uma imensidade de Santos para encher o vazio inicial do céu; hoje, a raridade de santos deve poder explicar-se, pela indiferença geral com que se ouve que, afinal, o terrífico inferno é o simples estado de alma sem graça, i.e., sem a visào de Deus! "Não é assim tão mau como o pintam" - dizia uma anedota bem cristã!

Pois, para Timor-Leste, a paz há-de chegar, com calma se há-de chegar lá, a Paz! O problema é a violacão de Direitos Humanos, a não visào da Democracia!

Santa Cruz desmentiu essa idealizacão e muitos não estavam preparados para tão terrífico visionamento. Agradeço ao meu bom amigo Maximiliano e ao meu companheiro.

Santa Cruz só provou que os acontecimentos ultrapassaram as previsões nascidas das negociações e o que estava em jogo era o regresso, sem cuidados, de todos os componentes da lusa comitiva. "Ou todos ou nenhum!" - foi a ordem da suspensào, como o epílogo menos ambíguo das negociações.

Em Timor-Leste, uma situacão insustentável! As angustiosas declarações de D. Ximenes Belo que, desafortunadamente, hoje se repetem eram sendo tomadas no sentido exacto das suas palavras. Incrível, ele falava em português! E portuguesmente falando, devo dizer que não se buscou o porquê dos seus temores. Raios, todos sabiam que Jakarta estava enchendo o território de tropas frescas, que iam abrindo covas, ameaçando, prendendo e entrando em Motael, etc, etc,.

Consensos e incoerências, como dialéctica da própria Luta. Somos obrigados a aceitar, porque o nosso petróleo jaz na fronteira com a Austrália.

Suspensào com sabor de nunca mais; ou esqueçamos todos que, do outro lado da arena, está a poderosissima Indonesia. Isto deve bastar, (para evitarmos comadrices meigas!), porque se Ali Alatas estava em Paris, contribuindo na soluçào dum conflito da ONU, Tri Sutrisno, tinha os seus soldados na brasa da situacão insustentável.

Do exterior nunca entenderão a desordem da casa, mas daqui somos capazes de nos apercebermos dos movimentos que se fazem aí fora. A grande prisào tem janelas de vidro escuro para olharmos para o mundo. Permitem-nos, no mínimo, ver que andam de um lado para outro, com dossiers ou sem eles debaixo dos braços.

E vão dizendo que me ia render, mas o problema foi porque não tinha preenchido os papéis para cidadãos de bairros de lata. Vi

umas fotografias e fiquei desgraçado com caixotes de lixo e paredes de papelão, que não conseguem disfarçar blocos levantados a terrorista. Aqui o terrorista é GPK e muitos hoje são "boss", gente fina, respeitados. Vivem bem porque preferiram o "pembangunan", a continuar a rezar em português! 'A igreja de Portugal até nem quer saber se rezam ou não em português, os cardeais portugueses fazem a política do Vaticano. Só rezam missa dos defuntos e não desejam preocupar-se com umas centenas de milhar de fiéis que continuam a acreditar no feitichismo, no animismo, para aliviar os seus sofrimentos. Pelo menos conservam a vida, que diga o Robert Domm. Em Santa Cruz, Deus chamou-os mais depressa, enquanto rezavam em português. S. Pedro sabia Latim e sempre foi mais fácil entender que estavam orando por um "GPK" assassinado numa igreja, antes denominado a Sé-Catedral, qual marco de passagem do colonialismo europeu. Assim reza a história da cruz e espada... dos tempos que hoje perduram!

Os timorenses são os que têm que assimilar os sempre "novos valores", para a sua exterminação!

Vou-me render aos que tombaram, com tanta heroicidade, rendendo-lhes a mais profunda HOMENAGEM !BRAVOS JOVENS, brava geração de heróis! TIMOR-LESTE VENCERA!

3. Julgo que as FALINTIL não serão o argumento-chave dos princípios universais e do direito internacional. Não creio que a luta pela liberdade tenha que ser exclusivamente pela via armada nem que as vitórias militares signifiquem, elas mesmas, a justiça e a razão.

Desde o início da invasão, em 7 de Dezembro de 1975, que as FALINTIL se opuseram de armas na mão e se, 16 anos depois, não escorraçam as assassinas forças de ocupação é porque, de um lado, não recebem nenhum apoio do exterior e, do outro, os EUA, a Austrália, a Belgica, a Inglaterra, a Suécia, etc., têm vindo a fornecer ao exército ocupante e ao longo desta guerra, material bélico diverso e consideráveis somas para a sua modernização.

Se Jacarta afirma que as FALINTIL não representam nada, teremos que concordar que o uso da força para a aquisição de territórios é um direito dos fortes, que não se deve contestar, e que constitui um princípio a razão pertencer aos mesmos.

Se os EUA não se tivessem empenhado a expulsar as forças invasoras de Saddam Husein, Koweit seria hoje uma simples província iraquiana, com todos os laços que estiveram na base da anexação. Só porque as forças da coligação internacional venceram o Iraque, pelas armas, Koweit pode ser contemplado pelo princípio que assiste impunemente as tropas indonésias, já que Koweit foi libertado pelo direito ao uso da força, direito que as forças da coligação internacional chamaram p/si.

Quanto ao efectivo das FALINTIL, vou explicar o termo, pela linguagem dos próprios generais indonésios:

a. Jacarta afirmava em 1979, que os guerrilheiros estavam reduzidos a "50 bandidos desarmados no extremo leste da ilha".

b. Em 1981, após a grande operação, para a qual obrigou a população masculina de todo o território a participar, Jacarta afirmou que tinha vencido a guerra, pela 2a. vez, e que, dos "50", restavam uns poucos "fugitivos".

c. Em 1983, após a recusa das FALINTIL de se renderem, Benny

Moerdani estabeleceu prazos, com muitas prorrogações, para a rápida e total exterminação dos poucos "remanescentes da Ponta Leste". Para tal o general indonésio aplicou todo o arsenal belico de que já dispunha, fornecida pelo Ocidente.

d. Em 1986/87, Jacarta revê a sua estratégia e passa a utilizar a guerra de contra-guerrilha territorial para tentar exterminar o que restava dos "bandidos e ladrões que só sabiam roubar o comer a população."

e. Periódicamente, Jacarta declara que dezenas, se não mesmo centenas de guerrilheiros se rendem (mesmo quando são capturados depois de gravemente atingidos).

f. Em 1991, 16 anos depois da invasão de 7 de Dezembro, os comandantes militares indonésios declaram em Dili, as suas tropas, depois, do dia 12 de Novembro:

"Nos vamos ao mato, procurar o GPK e não os encontramos; afinal das contas, os GPK existem tanto no mato como nas cidades, vivendo conosco!"

Creio ter respondido à sua pergunta e, para finalizar, lhe diria que ...continuamos exactamente os "50 fugitivos da Ponta Leste" desde 1979.

4. A nossa guerra é uma guerra em muitos aspectos diferente das outras guerras. É uma versão muito peculiar das chamadas guerras de Libertação.

Cercados pelo mar, numa meia-ilha que faz fronteira com o próprio invasor, sem nenhum abastecimento do exterior, há 16 anos que o esforço do inimigo se tem imposto ao nosso pequeno Exército de Libertação, as gloriosíssimas FALINTIL.

São condições bem particularíssimas mas julgo que existe um certo paralelismo na actual situação do campo extritamente militar, com a OLP. Beneficiado com fronteiras (adversas, muito embora) com países árabes, o braço armado da OLP viu-se obrigado a buscar refúgio tão distante que, segundo ouvimos, algumas poucas incursões de lanchas às praias libanesas são sistematicamente destruídas pela aviação israelita.

Contra um gigante país de uma população de 160 milhões de habitantes e com umas FFAA que recebem uma ajuda mensal de 500 mil dolares dos EUA, o pequeno Exército de Libertação não pode, 16 anos volvidos, apresentar a mesma capacidade de combate.

Há poucos anos atrás, podíamos contrariar taco-a-taco as intenções do adversário. Pretender, hoje, que as FALINTIL possam ainda deter iniciativas de acção, como nos anos anteriores, é exagerar as nossas próprias capacidades. Qualquer Exército vale o que vale, mas não pode prescindir do material; sem este, é impossível pôr-se à prova qualquer mérito, dote, qualidade de uma força combatente. E sempre fomos contrários à mera propaganda que algumas pessoas têm feito acerca de acções militares das FALINTIL.

Continuamos a suportar combates mas, hoje por hoje, não planeamos as nossas acções, com vista a impormo-nos ao inimigo; hoje, apenas procuramos responder da melhor forma, às operações do ocupante sempre na mira de aproveitarmos as oportunidades que nos permitam ir conservando-nos da destruição, que é o objectivo supremo da ABRI.

5. Temo-lo como o fundamento político da nossa Luta. Evidentemente que, se por um lado, este apoio se enquadra e se diversifica nos múltiplos níveis e aspectos de realização, por outro, o mesmo deve ser pensado, deve ser encarado nas devidas dimensões.

Creio que, em nenhuma outra Luta de Libertação se obteve uma prática tão espontânea e tão extensa de resistência de todo um Povo, uma resistência eminentemente popular. E ainda, que nenhuma outra Luta de Libertação pôs à prova um tão vivo e intenso heroísmo, que ainda hoje enfrenta de mãos vazias um poderoso exército e toda uma complicada política do mundo.

Penso ser difícil, no velho continente e nos tempos contemporâneos, imaginar-se como uma população indefesa não se intimida perante o aparato bélico, não vacila durante o período mais difícil das destruidoras campanhas, não recua perante as adversidades, não se verga perante a cruel repressão, não baixa os braços perante o isolamento a que está condenado.

Deve ser mesmo difícil pensar-se, aí na Europa, que uma população, devastada pela morte, totalmente amordaçada num pequeno território, não sabe ter medo, é capaz de buscar forças do seu desespero, de desafiar quando está a morrer, de renovar astúcias e ponderar motivos, de moderar sentimentos e refazer energias, equilibrar esforços e conter o ódio.

Nós próprios reflectimos intensamente sobre esta tenacidade, nós próprios procuramos explicar o melhor que podemos esta inesgotável força de vontade, esta fértil imaginação, incomparável criatividade, imbatível coragem e inexcedível determinação do nosso Povo, alimentados continuamente pela sua grandiosa fé, inextinguível confiança em suas próprias faculdades e uma profundíssima consciência patriótica.

A resistência de 16 anos vem reforçando, de maneira imparável, este componente interior dos seus sacrifícios, o lado espiritual da sua luta, factores que se constituem na sua própria motivação, no seu próprio ensejo, na sua própria busca, na sua própria reflexão e na sua consequente realização.

Nós próprios ficamos a admirar, a pensar como é possível tanta força interior, quando a sua pele curtida nos horrores da guerra, vem sendo rasgada sem contemplação nem piedade e vergastada por vexames que decompõem o seu corpo frágil.

Nós próprios nos perguntamos como é possível tanta grandeza de alma, que se agiganta suportando as dificuldades, que se ergue para além das monstruosas vagas de sangue, que se conserva acima da morte, das ameaças de extinção.

Uma Luta verdadeiramente de um Povo, que sabe sorrir para abafar o seu ódio mortal, que sabe ser dócil para ocultar a sua Luta, que se deixa amargar para melhor se entregar à rebeldia, que se deixa bater para reforçar seu ânimo, que se deixa insultar para formar o seu orgulho, que se deixa derrotar para procurar VENCER!

Uma Luta, popular em essência! Uma luta, um empenhamento, uma fé, uma esperança, um desejo: VENCER! Palavra simples, mágica para o contexto de "causas perdidas", poderosa, no contexto dos ancestrais anseios, convincente, no contexto do idealismo promissor e necessária no da definição de um destino. Aqui, não, se trata de um direito, aqui ainda, não se fala de princípios. E

uma consciência, que se tornou a própria consciência da Luta. Uma luta, em conceitos também simples que não se iludem com aspectos simbólicos. O próprio sangue derramado, simbolicamente evocado como a alma e como o preço, não é um símbolo em si mesmo, actua, sim, como o ingrediente material do seu espírito de luta. O sangue, que se perde do corpo, vivifica esse espírito, dá perenidade à sua alma, alma que soube escolher o seu próprio nome ...Maubere!

Contudo, este apoio popular, porquanto seja o fundamento desta história, escrita com o sangue, não pode, de maneira nenhuma, deter o carácter de provocar transformações radicais. Constroe o processo, produzindo avanços mais ou menos significativos, numa prática que cresce à sombra do que lhe é permitido pelas condições impostas. É assim que nos compenetrámos bem das suas reais capacidades e medimos bem as novas potencialidades.

Básicamente político, este apoio condiciona, influencia e activa outros campos, psicológico, moral, etc. Contudo, sabemos exactamente o quanto pode, num tão complexo problema como o é a nossa resistencia, este enraizado sentimento de total repúdio à presença estrangeira. Actua apenas como uma motivação, profunda e polivalente, para o engajamento na luta, actua também como a razão mesma da nossa razão.

Suficiente para encararmos a resistência em termos estratégicos, para a longura dos tempos... talvez infinitos para as nossas aspirações, embebidas em sangue vivo.

Suficiente, portanto, para encararmos de modo mais objectivo, o real estado-de-espírito de cada dia, a firmeza e a exactidão dos passos que a todo o momento somos obrigados a dar, numa direcção única : a da paz, da liberdade e da justiça!

Suficiente também para nos conhecermos a nós mesmos para acreditarmos nas nossas próprias esperanças.

Mais do que isso, é o que já foi dito aí no exterior: um milagre, neste "milagre maubere".

Menos do que a luta poderia desejar, muito para além do que, podíamos ter sido capazes de perspectivar algum dia! Enfim, é tudo quanto temos para Lutar e procurar Vencer.

Quaisquer outros apoios que temos vindo a receber de fora, dizem respeito essencialmente às acções de solidariedade, nomeadamente das Organizações deste cariz.

De países propriamente dito, o apoio no campo diplomático, mormente na condenação a Indonésia, com especial relevo a persistente e desinteressada defesa dos direitos do Povo Maubere, oferecida pelos PALOPS.

Especificamente da Indonésia, embora tenhamos conhecimento de uma gradual evolução de simpatia, entre as forças democráticas e juvenis, ainda não é ocasião para afirmarmos que isso constitui já um apoio, na mais ampla acepção do termo.

6- O conceito de autodeterminação prevê esses resultados que aponta.

Desde que o processo de consultas seja credível, i.e., supervisionado pela comunidade internacional, aceitarei o veredicto popular, qualquer que ele seja, e deporei as armas sem hesitação.

7- Parece-me que a imprensa portuguesa fez eco de um documento, a mim atribuído com essa intenção. Não quero chegar até onde pretendem estas jogadas intencionais, mas julgo ter entendido os motivos.

Esta resistência até é, nestas politiquices, difícil para o nosso Povo. Tudo parece estar encaminhado para criar mais e maiores obstáculos para a Libertação de Timor - Leste, a partir de pequenas actuações que não se justificam. Pequenas mas com grandes reflexos, como se pode verificar. Só posso lamentar que tenha havido tal má-fé que melindrou os consensos...

Tudo o que considero possuir como matéria para negociações não saem fora do âmbito da Luta. Seriam pontos, seriam aspectos, intimamente ou de uma ou de outra forma relacionados com o processo de obtenção de uma paz duradora que salvaguarde os interesses de todas as partes envolvidas no conflito.

Não existem, por isso mesmo, quaisquer outras questões que mereçam atenção especial para serem referidos em negociações, fora desta Luta do meu Povo.

8- Penso que um certo exagero propagandístico e uma dose de mistificação criaram essa imagem distorcida, que convém aqui ressaltar.

Sou um combatente da Pátria, igual a todos. A única diferença é que aceitei mais responsabilidade que os demais, resolvido a dar tudo o que estivesse ao alcance das minhas faculdades.

Não alimento nenhuma ambição para o futuro, nenhuma absolutamente. Pude educar-me, durante a Luta, a servir unicamente a Luta. Desde que passei a dirigir esta admirável resistência do meu Povo, assumi desde logo esta lição; eu estava apenas aprendendo a resistir, pelo pensamento e pela prática do meu Povo. Se alguma coisa pude "teorizar", para a minha própria orientação, devo-a ao meu Povo que, além de tudo me ter ensinado, me ordenou a que nunca rendesse!

Cumpro um juramento sagrado quando respondo pelo meu dever. Sempre procurei esmagar a menor tentativa de pensar a luta pela minha pessoa. Isto todavia nunca significou que não colocasse sempre presente o supremo dever de cumprir mais e melhor que todos! E não foi nem seria para minha própria satisfação pessoal, mas como plena consciência do meu próprio contributo.

Sei que, quanto mais e melhor estiver cumprido as minhas obrigações, tanto mais e tanto melhor respondo e responderei aos anseios de um Povo que praticamente me desconhecia nos primeiros 4 anos da guerra, mas logo depositou em mim a sua total confiança... só porque o chamava para continuar a Luta!

Estou apenas retribuindo esta confiança do meu Povo e qualquer participação da minha parte está colocada no quadro de um dever assumido!

Realizo-me cumprindo, porque sirvo na realização de um Povo. Não pretendo servir-me da luta, porque seria inconsolável para o meu Povo e para os meus combatentes. Levo, principalmente destes, uma outra lição sagrada: dá a vida, para libertar a todos num anonimato miserável, num "mais um" que também tombou pela Pátria.

Vivi os meus sofrimentos, vivi as suas ilusões, as suas

esperanças desfeitas, os seus problemas e os seus sentimentos e os seus sacrifícios. Acreditaram em mim, seguiram-me, a mim que mais não tinha, como seu comandante, que as palavras de ordem de "Pátria ou Morte" e "Resistir é Vencer". Fazeis de se pronunciarem, difíceis e amargas para serem realizadas, muito mais ainda nas condições em que lutamos, e pelas quais lhes exijo morrerem para nos conservarmos. E não seria "chefe militar" se eles não tivessem sabido cumprir. Cumpriram e, morrendo, nos estamos conservando! Não sou comandante por mim, sou-o porque eles sabem combater e aceitam morrer no campo da batalha.

Não tenho ilusões sobre o que valho hoje e o que possa eventualmente valer depois. Não me meço nos degraus da luta, meço os degraus da luta para exigir de mim dar tudo o que possa. É este o meu esforço, que tem sido superior às minhas capacidades e, mal ou bem ou mais mal que bem, vou cumprindo. A Pátria me pediu e o meu Povo continua a exigir de mim.

A falar verdade, tenho apenas o ABC da política e pretendo chumbar porque não me atrai.

Como qualquer outro cidadão, farei política em termos gerais da política e pretendo evitar vestir camisas-de-força partidárias.

Quero, livremente mas mesmo livremente, deliciar-me com a paisagem da Pátria, em todos os seus cambiantes e amar todos os seus recantos, respirar as nuvens do seu céu em todas as suas tonalidades e inebriar-me com a perene fecundação das suas chuvas e dos seus sóis.

Não estabeleço estratégias para mim, traço objectivos para a Luta concretizar, não albergo planos pessoais, renovo as ideias para libertar a Pátria.

Somente esta, a minha ambição de luta: Pátria Livre, Povo Livre... e terei cumprido.

9-. Na verdade, talvez deva definir como o plano espiritual da minha própria luta. E não preciso de buscar tempo nem sacudir a vontade, porque este assunto é o elemento transcendental de toda esta Luta.

Os cadáveres dos meus companheiros, a determinação e a firmeza do meu Povo, a valentia e a entrega das novas gerações impõem perguntar para além do sangue que se derrama, impõem responder a perguntas que surgem dos próprios sacrifícios.

Verdade se diga, eu não estou minimamente capaz de, com correcção, "perseguir a reflexão" sobre um tão complexo e delicado problema.

Sinto-o apenas como uma sensação superior da nossa própria Luta, como algo que se deve distinguir, desde já, para explicar toda esta maravilhosa doação e permitir uma lógica ou aos sentimentos que não se rendem, dar valor a uma consciência que a própria guerra tornou tenaz e imbatível, enfim, ultrapassar o que o meu Povo não atingiu: O teohicismo, para ele, tão estéril dos princípios universais e do Direito Internacional.

Não se pode reduzir uma tão persistente Luta ao simples sentimento de repúdio da presença de estrangeiros dominadores, porque este repúdio nasce de uma convicção interior. Não se pode tão-pouco minimizar a grande fé pela sua libertação, porque o Povo Maubere sabe bem quão difícil é esta Luta e, se renova con-

stantemente as suas forças, conhece a sua própria fragilidade, fragilidade que resiste a todas as tentativas de demolição.

Pessoalmente, também me pergunto se valem a pena tantos sacrifícios quando, ~~a~~ acompanhando o mundo (já na chamada Nova Ordem), vou tomar contacto com problemas insolúveis como a dívida externa, como a total e eterna dependência do 3o.mundo, mais agudizada com o fim da guerra fria e tudo isto afligindo democracias e liberdades, sustentando ditaduras economicamente bem sucedidas, mantendo em todo o lado os direitos humanos como refém da própria injustiça social.

Custa tanto, realmente, ter que chegar à conclusão de que uma bandeira nacional e um governo formado nas bases de uma Constituição Democrática, serão apenas o doloroso início de uma penosa vivência, numa constante acumulação de contradições que misturarão assomos incompletos da liberdade com a carência imparável, produzida por relações estranhas à sua vontade.

O progresso possui hoje uma conotação tão alienatória que se vê uma cada vez maior universalização do "modus vivendi", numa relação de imposição "export/import", em cujas cadeiras se dissolvem, quase inexoravelmente, os tipos de sociedade franzinos...como o que eu desejaria ver revigorado na minha Pátria.

Tenho medo da aculturação, tenho medo da manipulação civilizante das sociedades superiores. Quero pensar, para além das necessidades do desenvolvimento material, nos recursos morais, espirituais que fazem de nós mesmos um Povo, que tornam esta individualidade uma identidade. Tenho medo do Progresso ilusório, tenho medo da sociedade de consumo, tenho medo das consequências desastrosas que os pronunciados desníveis sociais terão que acarretar...como o alto preço da liberdade!

Não desejarei um Povo em diversos extractos numa Pátria onde uns deleitam os seus tempos de fazer no folclore lembrado por outros...

Ideias apenas, que eu vou arrumando da contemplação que faça da Luta, frágeis, incompletas, soltas e inseguras, mas aliciantes, perturbadoras para uma constante busca, um constante desejo, uma constante Luta.

Nem sequer nos valerá o facto de pertencermos atrozmente ao "4o.mundo" do sub-desenvolvimento, com direito a reclamar piedade. As relações capitalistas imporão a "ordem natural" e absorverão as mínguas expressões acalentando o antropológico termo de minorias, mesmo assim!

Mas creio que vale a pena forjar vontade para reflectir sobre isso e o tempo será a própria vontade. "Tudo vale a pena, quando a alma não é pequena"!

Outros, com mais sabedoria, desenvolverão temas deste género. Por mim, apenas procurarei dar o que ainda tiver de mim mesmo para prosseguir a Libertação do meu Povo. Entretanto, A Luta Continua e irei fermentando ideias a partir dos anseios do meu Povo, que amamenta com o seu suor e lágrimas o tipo de sociedade, gerado na sua própria história, que convém cuidar, conservar e preservar.

Difícil, mas mais difícil está-se tornando ser livre! Batemo-nos pela nossa sobrevivência como Povo, que a guerra uniu e tornou forte de maneira singular.

Quartel-General do CNAR, em Ruvo - heste Janeiro de 1992.

Handwritten signature: XAVIER
Handwritten signature: M. F. F. F.

1 - A visita da delegação parlamentar portuguesa foi "adiada".

Depois de Santa-Cruz, sempre acha que é possível uma tal visita em condições satisfatórias ? Qual poderia ser a melhor delegação internacional ?

2 - As condenações dos acontecimentos do 12 de novembro em Santa-Cruz fizeram mais falar de Timor na opinião internacional que 4 anos de negociações na ONU. Acha que a ONU é o melhor lugar para negociar ?

3 - Djakarta diz que as FALINTIL não representam nada. Quantos guerrilheiros são realmente prontos para lutar contra o exercito indonesio ?

4 - Haverá, nos proximos meses, acções militares das FALINTIL

5 - Diz que conta com o apoio da população que « é como a rede sanguínea do sistema circulatório ». Este apoio é suficiente ? Qual outro tipo de apoio tem, de países estrangeiros, ou de organizações, ou na propria Indonesia ?

6 - Afirma lutar para uma consulta de autodeterminação em Timor-Leste. Qual será a sua posição se o voto se faz em favor do Portugal ou da integração na Indonésia ?

7 - A imprensa portuguesa já diz que o Xanana Gusmão estava pronto para render-se, por exemplo na ocasião da chegada duma delegação parlamentar. Isso foi desmentido por Você. Mas há coisas para negociar, fora da sua luta para a autodeterminação ?

8 - Esta a aparecer como um chefe militar e no mesmo tempo como um líder político. No futuro, tem ambições políticas num Timor independente ? A parte da organização militar, existe estruturas que, fora da clandestinidade, poderiam assumir um poder democrático em Timor-Leste ?

9 - Tem o tempo (ou a vontade) de perseguir uma reflexão sobre o tipo de sociedade que quer para um Timor independente ?